

UNIVERSIDADE, CULTURA E RELIGIÃO

Tiago Adão Lara*

A Universidade brasileira está em crise. Crise institucional, uma vez que o Estado se mostra bem pouco preocupado em reconhecer-lhe o valor e a função. Só a vê como consumidora de seus mal administrados recursos financeiros.

No bojo dessa crise institucional, com ela intimamente ligada e, em grande parte, dela também resultante, instala-se a crise mais profunda e preocupante: crise de identidade. Para a maior parte de brasileiros, a Universidade é a instituição que prepara profissionais. Nada mais. Como, hoje, o diploma universitário não é garantia de sucesso profissional certo, a grande parte dos cursos universitários cabe, apenas, a função decorativa de propiciar um título acadêmico, como que de valor nobiliárquico.

É preciso reconhecer o baixo teor de motivação dessa função, que restou à Universidade; o que explica o descompromisso alarmante com a seriedade de estudo. Exige-se da Universidade um título a qualquer preço; ou dedica-se às suas tarefas, sem o entusiasmo das grandes obras a realizarem-se.

A renovação da vida universitária, entre nós, está, pois, a exigir do Estado uma política mais séria e mais

coerente. É nessa direção que Fasubra, Crub e Andes têm pressionado o MEC.

Por outro lado, a crise da Universidade brasileira está a exigir, de todos os que a integram, esforço de reflexão e coragem de ação, para se redescobrirem as dimensões autênticas da vida universitária e de suas funções.

As linhas que seguem querem enfatizar a urgência de se superar uma das limitações da nossa vida universitária: seu alheamento da dimensão religiosa da cultura brasileira. Ao fazê-lo, apontam para o que nos parece fundamental, na renovação da Universidade: seu compromisso radical com a totalidade da nossa cultura.

Fatos que falam

1. Vivemos momento constituinte. Momento em que a Nação se dobra sobre si mesma, preocupada em traçar, para si, as normas fundamentais, que exprimam, da melhor maneira possível, o seu próprio ser, a sua própria estrutura, a sua constituição íntima e social. A Constituição – compêndio de leis fundamentais – deve retratar essa constituição ínti-

* Professor do Departamento de Filosofia da UFU.

ma da Nação brasileira.

O momento constituinte deturpou-se, na hora em que os políticos profissionais vedaram a formação de uma Constituinte livre e soberana. De qualquer maneira, apesar de todas as limitações de legitimidade, o momento constituinte deveria ter empolgado a vida universitária.

Não consta que o tenha feito.

No entanto, nos bastidores e no plenário da Constituinte trava-se uma batalha: dinheiro público só para escolas mantidas pelo Estado ou também para escolas mantidas pelos particulares?

E o que presenciamos? A força pressionadora dos grupos religiosos, na defesa de suas teses.

2. Nestes dias - estamos em julho de 87 - os jornais anunciam, com certo estardalhaço a visita, à Rússia, de teólogos brasileiros. Trata-se de estudiosos comprometidos com a Teologia da Libertação, fenômeno cultural que brotou na América Latina e que atingiu, no Brasil, maturidade impressionante.

É uma segunda constatação da presença e da atuação da religião, no processo de alimentação da nossa cultura. Mais ainda: a religião torna-se, até, pioneira, enquanto veículo de desvelamento, para a Europa, da maturidade cultural de amplos seto-

res da vida brasileira. A religião afirma-se, corajosamente, frente ao colonialismo cultural europeu.

3. A teologia da libertação não é um fenômeno de escritório ou de intelectuais puros, reclusos em seus gabinetes de estudo. Ela retrata ou explicita, teoricamente, uma práxis eclesial rica, na América Latina e, em especial, no Brasil: a práxis das Comunidades Eclesiais de Base (Ceb's). Elas têm funcionado como espaço pedagógico-cultural de reformulação conceitual e de mudanças de atitude, que, ultrapassando o âmbito do religioso, atingem a totalidade da concepção de vida. Nelas, se processa a criação de novo modo de pensar, de sentir, de agir e de ser.

Quando se definem as Ceb's como nova maneira de ser Igreja é essa verdade que se quer expressar. Está em gestação nova modalidade de humanismo cristão.

O cume da novidade conceitual e vivencial está no fato de se compreender e de se assumir o compromisso religioso, como fonte de engajamento histórico, em prol da libertação total de todas as pessoas.

Não é preciso enfatizar o impacto cultural de tal atitude.

4. o fenômeno Ceb's não expressa a

totalidade da vida religiosa, no Brasil de hoje, nem mesmo da vida religioso-cristã. A maior parte dos cristãos brasileiros – católicos ou evangélicos – permanece ligada às vivências eclesiais tradicionais. Movimentos de criação recente, mas de cunho conservador, encarregam-se de mantê-las e revigorá-las, trazendo às instituições eclesásticas a sensação de retomada religiosa. Constituem-se em veículo de ação pedagógico-cultural bastante eficiente, sobretudo junto à classe média, arredia às mudanças de mentalidade e de atitude.

5. Será justo esquecermos que outras vivências religiosas, na linha do espiritismo e das religiões africanas radicaram-se profundamente, no subsolo da nossa cultura, marcando horizontes significativos, importantes para boa parte do nosso povo? Será justo esquecermos que, sobretudo o espiritismo, é quase que um fenômeno cultural brasileiro?

Universidade-cultura-religião

Todas essas constatações levam-nos a concluir que é impossível comprometer-se com a cultura brasileira – e essa é função da Universidade – sem se tomar a sério a sua dimensão religiosa.

Parece-me, contudo, que a Universidade, no Brasil, padece de uma

anemia acentuada, em tudo aquilo que se refere à religião, ressaibo do clima agnóstico e positivista do começo do século. Pelo que sei não existe, entre nós, reflexão continuada e sistemática sobre o papel da religião na vida da sociedade brasileira.

Os intelectuais brasileiros vivem, na sua maioria, em um mundo secularizado, abstrato, porque abstraído do concreto da vida do povo, para o qual o horizonte fundamental da compreensão e de significação é o horizonte religioso.

Essa situação não se justifica, socialmente, a não ser na perspectiva de uma Universidade alienada ou, então, apenas comprometida com parcelas diminutas da sociedade, para as quais a religião não conta.

O encontro da Universidade com a religião dá-se pela mediação da cultura; e por aquela mediação que é própria da Universidade. Compete à Universidade empenhar-se, para transparentar o processo cultural, que não é monopólio seu; que, aliás, é prévio à vida da Universidade e muito mais rico e complexo do que a totalidade das criações universitárias. Mas, pelo recurso à reflexão científica, a Universidade desempenha papel importantíssimo de esclarecimento e de dinamização desse processo. Entendemos por ciência, aqui, todo tipo de conhecimento que não é aquele imediato e espontâneo, que se dá ao sabor e ao ritmo das contingências do viver, mas o saber querido, planejado, criticado, sistematizado e

metodizado, seja ele teológico, filosófico ou científico, no sentido contemporâneo do termo.

A tarefa universitária, no que concerne à religião, enquanto traço característico da cultura brasileira, é, pois, uma tarefa científica. A religião tem de ser encarada como fenômeno cultural complexo. Não se justifica desfazermos dela como algo ultrapassado ou em fase de extinção. Não se justifica assumirmos posição anticientífica, reafirmando quase que dogmáticamente análises, que tiveram, até, seu valor, mas cujos limites, hoje, devem ser reconhecidos e superados, como são as teses de Freud e de Marx, sobre a origem e o papel da religião, na vida da humanidade. Os fatos têm se revelado bem mais ricos que os seus esquemas interpretativos.

A cultura não é, apenas, um sistema de técnicas e de significados práticos. Aliás, às vezes, parece que ela é muito mais um sistema de significados transcendentais, que apontam para direções não experimentáveis, e, no entanto, plenificadores do existir, e dinamizadores do operar humano. E é aqui que a religião se insere na cultura. Cabe às ciências, à filosofia e à teologia esquadriñar os meandros e os abismos existenciais, nos quais se criam

tais perspectivas humanas, para libertar os significados, que se mostrem criadores de vida, e denunciar aqueles que alienam e escravizam.

A Universidade brasileira deve, pois, reestudar sua posição frente à religião.

Dedicatória

Dedico essas reflexões: 1 – Ao recém formado Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Cabe talvez, a ele liderar, na UFU, a implementação do que pleiteei ao longo de todo o artigo. 2 – Aos professores da Funrei (Fundação Universitária de São João Del Rei – MG). Convivi, com boa parte deles, na primeira semana de julho. Foi lá que me veio à mente a oportunidade de colocar, no papel, essas idéias. Os professores sanjoanenses descobriram três dimensões específicas de seu empenho universitário, dado o concreto da vida de sua cidade: as dimensões política, artística e religiosa da cultura. 3 – À Comunidade Eclesial de Base de Monte Carmelo – MG. Também em julho, pude sentir e viver, com ela, a força educativa da religião, como desbravadora de novos horizontes culturais e de novas perspectivas sociais. Precisaria ir lá, para ver e crer.